O EVANGELHO AO AR LIVRE

Por que Jesus ensinava nos campos, nas beiras dos lagos e dos mares

Por Ainor Francisco Lotério, engenheiro agrônomo, filósofo e teólogo, criador da Agrosofia e desenvolvedor da Agroteologia

---

UM MESTRE QUE NÃO CABIA DENTRO DE QUATRO PAREDES

Há algo profundamente revelador no fato de que o maior Mestre que a humanidade conheceu tenha escolhido, na maior parte de seu ministério, não o templo, não a sinagoga, não um recinto fechado, mas o campo aberto, a margem do lago, o caminho de terra entre uma aldeia e outra. Jesus subiu ao monte para ensinar (Mateus 5:1), sentou-se à beira do poço para dialogar com a mulher samaritana (João 4:6), caminhou pelas searas com seus discípulos (Marcos 2:23) e usou um barco como palanque diante da multidão reunida na praia (Marcos 4:1). Isso não foi acaso geográfico. Foi opção pedagógica e teológica. Kenneth Bailey, estudioso da cultura do Oriente Médio antigo, observa que os ensinamentos de Jesus nasciam da paisagem agrária da Galileia e se dirigiam a um povo de pastores, pescadores e lavradores, que compreendia a fé através da linguagem da terra (BAILEY, 2008). O templo tinha seu lugar. Mas a revelação plena de Deus, para Jesus, não dependia de paredes.

O ÉDEN QUE É DE DEUS, A CASA QUE É DO HOMEM

Existe uma distinção que vale a pena explicitar. O Éden, o jardim que abre a narrativa bíblica, é obra de Deus, plantado por suas próprias mãos, sem muro, sem porta, sem regra escrita em pedra (Gênesis 2:8-9). Ali o ser humano respira livre, caminha entre as árvores, ouve a voz de Deus à brisa do dia (Gênesis 3:8), sem intermediário, sem fórmula, sem cerimonial. É nesse mesmo espaço aberto que, séculos depois, Jesus volta a ensinar: o monte, o lago, a seara, o deserto. Já o templo, a sinagoga, a casa de oração, por mais legítimos e necessários que sejam como espaço de reunião e culto, são construção humana. Têm parede levantada por pedreiro, porta erguida por carpinteiro, regra escrita por sacerdote. E o que o homem constrói, o homem tende a controlar. O próprio Isaías registra a advertência de Deus contra essa tentação de encerrá-lo entre paredes: assim diz o Senhor, o céu é o meu trono, e a terra o escabelo dos meus pés, que casa me edificaríeis vós (Isaías 66:1). Estêvão repete a mesma advertência diante do Sinédrio, recordando que o Altíssimo não habita em templos feitos por mãos humanas (Atos 7:48), e Paulo, no Areópago de Atenas, ensina que o Deus que fez o mundo não habita em templos feitos por mãos humanas, nem por mãos de homens é servido (Atos 17:24-25).

Walter Brueggemann, em sua leitura da imaginação profética, mostra como todo sistema que se fecha em regras rígidas e hierarquias fixas tende a substituir a abundância e a liberdade de Deus por uma lógica de escassez e controle, semelhante à do Egito de Faraó (BRUEGGEMANN, 2013). Jürgen Moltmann, por sua vez, insiste que a criação inteira, e não apenas o templo, é morada do Espírito de Deus (MOLTMANN, 1993). Como já registrei em outro texto, orar não é aumentar o meu poder, mas entregar meu poder a quem sempre o teve (LOTÉRIO, www.loterio.com.br). Talvez seja essa a chave para entender por que Jesus preferia o ar livre: lá

fora, na obra que é de Deus, quem manda é Deus. Dentro da construção que é minha, ainda que eu a chame de casa de oração, a tentação sempre será a de eu mesmo, ou os homens antes de mim, quererem mandar.

OS AMBIENTES FECHADOS DA ÉPOCA E A LIBERDADE DO CAMPO ABERTO

Há também uma razão histórica e social para essa preferência de Jesus pelo ar livre. As sinagogas do primeiro século, embora fossem espaço legítimo de leitura da Torá e de oração comunitária, funcionavam sob regras rígidas de pureza ritual, controladas por escribas e fariseus, e restringiam a presença de quem a lei considerava impuro, como o leproso, o publicano, a mulher com fluxo de sangue, o gentio, o pecador público. O próprio evangelho registra que, depois de curar um leproso, Jesus já não podia mais entrar publicamente numa cidade, e ficava fora, em lugares desertos, e de todos os lados iam ter com ele (Marcos 1:45). Não era o leproso que evitava a cidade fechada. Era a cidade fechada, com suas regras de exclusão, que não tinha lugar para o leproso. No campo aberto, na beira do lago, no caminho de terra, essa barreira simplesmente não existia. Foi ali, fora do templo onde ela jamais seria recebida, que Jesus se sentou para conversar com a mulher samaritana, condenada pela própria comunidade (João 4:7-27). Foi ali, e não dentro da sinagoga, que ele tocou o leproso (Marcos 1:41), deixou a mulher enferma tocar sua veste (Marcos 5:27-29) e recebeu as crianças que os discípulos queriam afastar (Marcos 10:13-14). O ambiente fechado da época media quem podia entrar. O campo aberto, obra de Deus e não do homem, não perguntava a ninguém se podia.

O BARCO COMO PÚLPITO: A SALA DE AULA DO LAGO DE GENESARÉ

O episódio narrado em Lucas é quase cinematográfico: Jesus, pressionado pela multidão na margem, entra no barco de Simão, pede que se afaste um pouco da terra e, sentado, passa a ensinar do meio das águas (Lucas 5:1-3). O lago vira sala de aula. As ondas, o vento, a rede lançada ao mar, tudo isso se torna material didático vivo. Pouco depois, o mesmo lago é palco do chamado aos primeiros discípulos, homens que largam suas redes para segui-lo (Lucas 5:10-11). Não há coincidência em Jesus chamar pescadores à beira do mar, agricultores à beira da seara, pastores à beira do aprisco. Ele fala a linguagem do ofício de cada um, porque acredita que o divino se revela também através do trabalho e da terra que cada pessoa já conhece com as próprias mãos.

PARÁBOLAS QUE NASCIAM DA TERRA

Quase todas as grandes parábolas de Jesus carregam vocabulário agrícola. O semeador que lança a semente em diferentes tipos de solo (Mateus 13:3-8), o grão de mostarda que, sendo a menor das sementes, cresce até se tornar árvore onde as aves fazem ninho (Mateus 13:31-32), a videira e os ramos que só frutificam permanecendo ligados ao tronco (João 15:1-5), os lírios do campo e as aves do céu como lição de confiança (Mateus 6:26-28). John Dominic Crossan, ao reconstruir o contexto histórico do Jesus camponês da Galileia, argumenta que essas imagens não eram ornamento retórico, mas o próprio tecido de uma teologia enraizada na experiência concreta do plantio, da colheita e da espera (CROSSAN, 1994). Jesus não trouxe a natureza

para dentro da religião como ilustração. Ele reconheceu que a natureza já falava de Deus antes de qualquer sermão, e que cabia ao Mestre apenas apontar para o que já estava ali.

AGROSOFIA E AGROTEOLOGIA: QUANDO O CAMPO SE TORNA TEMPLO

Foi essa mesma intuição que me levou, ao longo de décadas de convivência com a terra e com a Palavra, a desenvolver a Agrosofia como filosofia de vida e, mais adiante, a Agroteologia como caminho de fé. Em texto publicado em meu portal, explorei como a parábola do grão de mostarda oferece uma mística da vida baseada nas forças agronaturais, capaz de iluminar a motivação humana a partir do próprio comportamento das plantas e do solo (LOTÉRIO, www.ainor.com.br). O teólogo brasileiro Rubem Alves, poeta e pensador da espiritualidade cotidiana, dizia que a sabedoria não mora apenas nos livros, mas também no ritmo das estações e no silêncio da terra lavrada (ALVES, 2000). Quando trato meu sítio como espaço de encontro com o sagrado, não estou fazendo metáfora. Estou seguindo o mesmo caminho que Jesus trilhou quando preferiu o campo ao templo, o barco à sinagoga, a semente ao pergaminho.

A FÉ QUE NÃO PRECISA DE MOLDURA

Se Jesus ensinava predominantemente ao ar livre, isso diz algo importante sobre a natureza da fé que ele propunha: uma fé que respira, que se adapta à paisagem, que não depende de uma única forma fixa de ser vivida. Leonardo Boff lembra que o cuidado com a criação e o cuidado com o espírito caminham juntos, e que reduzir a experiência de Deus a rituais fechados é empobrecer o próprio Evangelho (BOFF, 1999). Isso não desautoriza a liturgia, a comunidade ou a disciplina espiritual, que têm seu valor e seu lugar. Mas recorda que a essência da fé cristã nasceu ao ar livre, entre redes de pesca e plantações de trigo, e que sempre haverá espaço legítimo para quem sente o chamado de buscar Deus também fora das quatro paredes, no vento, na terra e na água, como o próprio Mestre fazia.

SOBRE O AUTOR

Ainor Francisco Lotério é engenheiro agrônomo, mestre em Gestão de Políticas Públicas, filósofo e teólogo, criador da Agrosofia e desenvolvedor da Agroteologia. Com décadas de atuação em extensão rural, gestão pública, cooperativismo e comunicação, é autor de diversos livros e palestrante nos eixos de Motivação, Cooperativismo, Comunicação, Longevidade e Agrosofia. Seus textos e reflexões estão disponíveis em www.ainor.com.br e www.loterio.com.br.

Para palestras, rodas de conversa e participação em eventos:

ainorfloterio@gmail.com | WhatsApp (47) 99967-5010

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. O poeta, o guerreiro, o profeta. São Paulo: Fonte Editorial, 2000.

BAILEY, Kenneth E. Jesus through Middle Eastern Eyes: Cultural Studies in the Gospels. Downers Grove: IVP Academic, 2008.

BOFF, Leonardo. Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRUEGGEMANN, Walter. A imaginação profética. São Paulo: Paulinas, 2013.

CROSSAN, John Dominic. O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

LOTÉRIO, Ainor. O grão de mostarda e a Agrosofia, mística da vida com base nas forças agronaturais. Disponível em: www.ainor.com.br.

LOTÉRIO, Ainor. Agroteologia e a espiritualidade do campo. Disponível em: www.loterio.com.br.

MOLTMANN, Jürgen. Deus na criação: doutrina ecológica da criação. Petrópolis: Vozes, 1993.